

De que forma a forma se deforma?

Carlos Gonçalves

Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa

Edifício da Faculdade de Letras, Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa

Tel: 351 217940218 / 217965469 Fax: 351 217938690

goncalvesgeografo@gmail.com

A cidade contemporânea é a soma das interpretações (mais ou menos deturpadas) da implantação dos modelos do passado, mesclando todos os pedaços em sobreposições sucessivas.

Um denominador comum de todos os modelos será a incapacidade para lidar com as transformações integrando nestas as preexistências. Esta necessidade ganha especial importância a partir da cidade industrial. Os contornos desta incapacidade ficam mais nítidos quando falamos de preexistências morfológicas, tecido edificado, mas também (e sobretudo?), patrimoniais, sociais e culturais. Ou seja, preexistências presentes em territórios urbanos de configurações cada vez mais complexas.

Esta sobreposição de experiências é feita em ciclos de acções/reacções que, como é evidente, só em casos muito específicos, se apaga, ou minimiza a influência do passado para se afirmar o novo, e ainda menos concretizável será eliminar as estruturas vigentes para implantar espaços urbanos integralmente novos.

Se os modelos são formais, rígidos e extremistas (pelo menos em alguns aspectos), a sua aplicação, porque convive com preexistências, levam à inevitável subjugação da sua integridade, resultando em fragmentos de cidade experimentalista, por norma, mais frequente nas áreas de expansão.

Abordando primeiramente a interpretação dualista, que separa a Cidade Jardim (implantada horizontalmente, orientada para a moradia unifamiliar, de dimensão profilática), da Cidade Radiosa (vertical, fabricada em série, funcionalmente racional, logo impessoal e inapropriável), apontamos os reflexos da implementação destes modelos.

Do modelo de Howard por exemplo, resultam as áreas de expansão assentes na moradia como tipologia dominante. Carvalho (2003) refere os “tecidos urbanos dominados por vivendas em fundo verde (...) e algumas cidades novas entretanto criadas, mas também subúrbios residenciais e crescimentos contíguos à cidade existente”.

Por seu turno, o modelo de Le Corbusier, materializa-se no crescimento linear onde medram os conjuntos de torres isoladas (construção em altura) respondendo à procura crescente do pós-guerra potenciado pelo uso do betão armado em formas-tipo estandardizadas onde “os edifícios isolados, soltos, permitiam a expansão da cidade de forma rápida e maciça “por sistemas independentes: vias, infra-estruturas, edifícios e espaço verde, cada um podia ser projectado e construído de forma quase autónoma, o que criava grandes facilidades na implementação” (*op. cit.*).

Reflectimos sobre a cidade enquanto experiência possibilitadora ou cerceadora de vivência(s), abordando os princípios preconizados pelo movimento *Townscape* (primeiro alavancado por Gordon Collem, depois seguido por Jane Jacobs, Kevin Lynch, Christopher Alexander) na medida em que é a partir deste que irrompe a crítica à cidade moderna, propondo uma visão identitária para cada lugar, dotando a cidade de legibilidade “permitindo a sua apropriação pelos seus residentes e devolvendo vida, sentido e funções simbólicas aos seus espaços públicos, contidos por ruas e praças bem definidas que pudessem acolher essas funções. A necessidade principal da cidade reside na mistura de funções” (ARRABAÇA, 2003) e (LAMAS, 2007).

Referir-nos-emos também às propostas que indicam que se deve cerzir dos fragmentos em que a cidade se transformou, até à força de ideologias, políticas e investimentos indicativos do retorno à cidade (especialmente ao seu centro histórico onde se encenam ambientes do passado respondendo, por norma, às procuras selectivas da nobilitação), este retorno à cidade, rapidamente se circunscreveu à baliza dos conceitos de *gentrification* e nobilitação relativizando-se a hiperbolização inicial.

O vasto espectro das novas prescrições teóricas, crivadas primeiramente pela opção política, e depois, pela aplicação técnica, decanta-se, nos processos de expansão. Colocaremos um enfoque especial na fragmentação da cidade, num crescendo de espaços privatizados, muralhados em si mesmos (quer no interior quer nos anéis externos à cidade) e nas opções por modelos de urbanização “em núcleos periféricos inteiramente dependentes do acesso automóvel, com áreas de emprego, espaços públicos e de lazer próprios e em completa independência dos centros urbanos tradicionais” ELLIN (1999), citado por ARRABAÇA (2003).

Emerge no final da discussão a abordagem à cidade sustentável, que facilmente resvala para a escala do urbano. Discutir-se-á, para além do consenso vazio em torno da doutrina do Relatório de Brundtland de 1987, o pragmatismo da sua aplicação quotidiana.

Enquanto esperamos por respostas concretas que circunscrevam os discursos apaixonados pela reabilitação, pela nobilitação, pela expansão em modelos compactos cerzindo os fragmentos ou,

pela legitimação da pulverização do disperso, o processo urbano continua marcado pela subjugação crescente da forma urbana às forças do mercado.

Para se perceber os modelos que perpassam a cidade actual e como eles foram sendo utilizados no laboratório primeiro da sua aplicação – as áreas de expansão – far-se-á uma síntese onde se extraem as principais características dos arquétipos fossilizados (e seus processos de expansão) com os quais se construíram as cidades que hoje habitamos. Abordar-se-ão os modelos mais estabilizados dando especial atenção às suas características e destrinchando-se a forma como em cada um deles, se processa a expansão do tecido urbano. No que concerne às formas de expansão mais recentes serão apresentados resultados apurados tendo a cidade das Caldas da Rainha como laboratório.

Cidade, morfologia e expansão urbana

Referências

- Arrabaça, P. (2003). *Formas Urbanas na Cidade Construída - Aqualva-Cacém, 1953-2001*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Carvalho, J. (2003). *Formas Urbanas*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Costa, E. M., SILVA, G. N., & COSTA, N. M. (1995). *Estratégias de Povoamento e Políticas de Expansão dos Aglomerados Urbanos*. Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.
- Domingues, Á. (2006). *Cidade e Democracia-30 anos de transformação urbana em Portugal* (1ª ed.). Lisboa: Argumentum Edições.
- Fonseca, L. (1981). *Caldas da Rainha, estrutura funcional e áreas sociais*. Estudos para o planeamento regional e urbano, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa.
- Gaspar, J. (1998). Reabilitação urbana e valorização económica. *II Encontro dos programas URBAN e reabilitação urbana* (pp. 54-61). Direcção Regional do Desenvolvimento Regional
- Jacobs, J. (2007). *Morte e vida de grandes cidades*. (C. S. Rosa, Trad.) São Paulo, Brasil: Martins Fontes Editora.
- Lamas, J. M. (2007). *Morfologia urbana e desenho da cidade* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- PEREIRA, M. (2004). As metamorfoses da cidade dispersa. *Geolnova*, 10, pp. 129-142.
- Portas, N., Domingues, Á., & cabraL, J. (2007). *Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Salgueiro, T. B. (1999). *A cidade em Portugal - uma geografia urbana* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.